



«O melhor
thriller
da década.»

STEVE
CAVANAGH

O
HOMEM
DOS
SUSSURROS

Alex North

TOP
SEL
LER

Se deixares a porta entreaberta,
ouvirás os sussurros na certa.

Para a Lynn e o Zack

Jake,

Há tanta coisa que te quero dizer, mas sempre tivemos dificuldade em conversar um com o outro, não é?

Por isso, decidi escrever-te.

Lembro-me de quando eu e a Rebecca te trouxemos da maternidade para casa. Estava escuro e a nevar, e eu nunca conduzira com tanto cuidado em toda a minha vida. Tinhas dois dias e ias preso numa cadeirinha no banco de trás, com a Rebecca a dormir ao teu lado. De vez em quando, eu espreitava pelo espelho retrovisor para ver se estavas bem.

Sabes porquê? Porque me sentia absolutamente atterrado. Sou filho único, não tinha qualquer experiência com bebés, e, no entanto, ali estava eu, responsável por um bebé meu. Eras tão incrivelmente pequenino e vulnerável, e eu sentia-me tão pouco preparado que me parecia um absurdo deixarem-te sair do hospital comigo.

Não atinámos um com o outro, logo desde o início. A Rebecca pegava em ti com toda a facilidade e naturalidade, como se tivesse nascido de ti, e não o contrário, enquanto eu me sentia sempre pouco à vontade, receoso daquele peso frágil nos meus braços e incapaz de perceber o que querias quando choravas. Não te compreendia, de todo.

Isso nunca mudou.

Quando já eras um pouco mais crescido, a Rebecca disse-me que se devia ao facto de sermos muito parecidos, mas

não sei se será verdade. Espero que não. Sempre te desejei bem melhor do que isso.

Seja como for, não conseguimos conversar um com o outro, o que significa que terei de tentar passar tudo isto para o papel. A verdade sobre tudo o que aconteceu em Featherbank.

O Sr. Noite. O menino no chão. As borboletas. A menina com o vestido estranho.

E o Homem dos Sussurros, claro.

Não vai ser fácil, e preciso de começar com um pedido de desculpa. Ao longo dos anos, disse-te inúmeras vezes que não deverias ter medo de nada. Que os monstros não existiam.

Desculpa ter-te mentido.

PARTE UM

JULHO

1

O rapto de um filho por um estranho é o pior pesadelo de qualquer pai, embora, estatisticamente, seja uma ocorrência muitíssimo invulgar. Na verdade, existem mais probabilidades de as crianças sofrerem maus-tratos de um familiar próximo, sem que ninguém se aperceba. O mundo exterior pode parecer ameaçador, mas os desconhecidos são, na sua maioria, pessoas decentes, ao passo que o lar é, frequentemente, o local mais perigoso de todos.

O homem que seguia Neil Spencer, de 6 anos, do outro lado do terreno baldio, tinha perfeita noção disso.

Avançando em silêncio, paralelamente a Neil, atrás de uma fila de arbustos, não tirava os olhos do menino. Neil caminhava devagar, completamente alheado da perigosa situação em que se encontrava. De vez em quando, pontapeava o chão de terra batida, levantando uma névoa esbranquiçada em redor dos ténis. O homem, avançando com muito mais cuidado, ouvia esse raspar no chão. E não fazia barulho nenhum.

Era um final de tarde ameno. O sol estivera abrasador durante a maior parte do dia, mas eram já 18 horas, e o céu apresentava-se mais brumoso. A temperatura descera e o ar adquirira uma tonalidade dourada. Era o tipo de final de tarde em que apetecia estar no terraço, talvez a bebericar um vinho branco fresco e a ver o pôr do Sol, sem nos ocorrer ir buscar um casaco até ser escuro e já não valer a pena.

Até o terreno baldio estava bonito, banhado por aquela luz âmbar. Tratava-se de um matagal, com a povoação de Featherbank de um lado e uma velha pedreira abandonada do outro. O chão acidentado

encontrava-se essencialmente árido e seco, embora se vissem aglomerados de arbustos aqui e ali, fazendo lembrar uma espécie de labirinto. As crianças da povoação iam para lá brincar, às vezes, embora não fosse um local particularmente seguro. Muitas delas sentiam-se tentadas a descer à pedreira, onde as escarpas íngremes eram propensas a desmoronar-se. A câmara pusera vedações e avisos, mas o consenso local era de que deveria ser feito mais, pois os miúdos arranjavam sempre maneira de saltar as vedações. Tinham o hábito de ignorar avisos de perigo.

O homem sabia imensa coisa sobre Neil Spencer. Estudara atentamente o menino e a respetiva família, como se de um projeto se tratasse. O menino não tinha grande sucesso na escola, quer em termos académicos quer sociais, e estava bastante atrasado na leitura, na escrita e na matemática, relativamente aos seus colegas. A maioria da sua roupa era em segunda mão. Tinha os maneirismos de uma criança demasiado madura para a sua idade, manifestando já sentimentos de raiva e de ressentimento para com o mundo. Dali a alguns anos, seria visto como um *bully* e um arruaceiro, mas, para já, ainda era suficientemente novo para as pessoas lhe desculparem o comportamento indisciplinado. «Ele não faz por mal», diziam. «A culpa não é dele.» Ainda não o consideravam o único responsável pelos seus atos, pelo que, ao invés, eram levadas a atribuir a culpa a terceiros.

O homem observara com atenção. Não fora difícil de ver.

Neil passara esse dia em casa do pai. Os seus pais estavam separados, algo que o homem considerava positivo. Eram ambos alcoólicos e tinham alguma dificuldade em levar a cabo as tarefas mais básicas. Achavam que a vida era consideravelmente mais fácil quando o filho estava na casa do outro e não sabiam muito bem o que fazer com ele quando estava presente. Geralmente, Neil era deixado à sua mercê, o que explicava a dureza que o homem vira a desenvolver-se no rapaz. Neil era um fator secundário na vida dos pais. Não era amado, certamente.

Mais uma vez, o pai de Neil encontrava-se demasiado embriagado, nesse final de dia, para o levar de carro a casa da mãe, e, ao que

parecia, também fora demasiado preguiçoso para o acompanhar a pé. O miúdo tinha quase 7 anos, pensara provavelmente o pai, além de que passara o dia por sua conta sem quaisquer problemas. Como tal, Neil seguia sozinho para casa.

Só que ainda não fazia ideia de que iria para uma casa bastante diferente. O homem pensou no quarto que preparara para ele e tentou conter o entusiasmo.

A meio do terreno baldio, Neil deteve-se.

O homem parou próximo dele e espreitou por entre os arbustos, para ver o que captara a atenção do menino.

Um velho televisor fora deixado junto a um dos arbustos, o ecrã cinzento protuberante, mas intacto. O homem viu Neil dar-lhe um ligeiro toque com o pé, mas o aparelho era demasiado pesado e não se moveu. Aos olhos do menino, decerto pareceria pertencer a outra época, com grelhas e botões de um lado do ecrã e a parte de trás do tamanho de um tambor. Havia umas pedras no outro lado do caminho de terra batida. O homem observou, fascinado, enquanto Neil se aproximou delas, escolheu uma e atirou-a ao ecrã com toda a força.

Trás!

Um ruído intenso naquele local silencioso. O vidro não se estilhaçou, mas a pedra trespassou-o, deixando um buraco estrelado semelhante ao de um tiro. Neil pegou noutra pedra e repetiu o ato, falhando desta vez, mas voltando depois a tentar. Outro buraco surgiu no ecrã.

Ele parecia estar a divertir-se com a brincadeira.

O homem compreendia perfeitamente porquê. Aquela destruição descontraída assemelhava-se à agressividade crescente que o rapaz demonstrava na escola, como uma tentativa de criar impacto num mundo que parecia totalmente alheio à sua existência; provinha de uma necessidade de ser visto, de que lhe prestassem atenção. De ser amado.

No fundo, era só isso que qualquer criança desejava.

O coração do homem, batendo mais depressa, doeu-lhe perante aquele pensamento. Então, emergiu silenciosamente dos arbustos atrás do menino e sussurrou o nome dele.

2

— Neil!

O inspetor Pete Willis avançou cuidadosamente pelo terreno baldio, ouvindo os agentes em redor a chamar o nome do menino desaparecido, com intervalos previamente combinados. Durante as pausas, o silêncio era absoluto. Pete ergueu o olhar, imaginando as palavras a esvoaçarem em direção à escuridão, lá em cima, desaparecendo no céu noturno tão completamente como Neil Spencer desaparecera da Terra ali em baixo.

Incidiu o feixe de luz cônico da sua lanterna sobre o chão de terra para ver onde pisava e para procurar quaisquer vestígios da criança. Calças de fato de treino azuis, cuecas azuis, t-shirt do *Minecraft*, tênis pretos, mochila estilo militar, garrafa de água. O alerta fora dado no preciso momento em que Pete se sentava para comer o jantar que se esmerara a confeccionar, e a ideia do prato pousado sobre a mesa, intacto e a arrefecer, provocou-lhe um ronco no estômago.

Porém, um menino estava desaparecido e era preciso encontrá-lo.

Os outros agentes eram invisíveis na escuridão, mas ele via as suas lanternas a perscrutarem todo o local. Consultou o relógio de pulso: 20h53. O dia estava quase no fim. Embora nessa tarde tivesse feito calor, a temperatura descera ao longo das últimas duas horas e o ar frio fazia-o tremer. Na pressa de sair de casa, esquecera-se do casaco, e a camisa que envergava não oferecia grande proteção contra os elementos. Os seus velhos ossos também não ajudavam — afinal de contas, tinha 66 anos —, mas não estava uma noite para andar na rua, nem sequer para os mais jovens. Em especial perdidos e sozinhos. E feridos, certamente.

— Neil! — voltou a ouvir.

— Neil! — chamou, acrescentando a sua própria voz ao coro.

Nada.

As primeiras 48 horas após um desaparecimento eram as mais importantes. O menino fora dado como desaparecido às 19h39 dessa noite, cerca de hora e meia após ter saído de casa do pai. Deveria ter chegado a casa da mãe por volta das 18h20, mas não houvera grande coordenação entre os pais quanto à hora prevista para a sua chegada, pelo que somente quando a mãe telefonara finalmente ao ex-marido é que deram conta do desaparecimento do filho. Quando a polícia chegara ao local, às 19h51, as sombras estavam cada vez mais compridas, e quase duas das 48 horas haviam já sido perdidas. Entretanto, tinham decorrido quase três.

Pete sabia que, na maioria dos casos, uma criança desaparecida era encontrada rapidamente e em segurança, sendo depois entregue à respetiva família. Os casos dividiam-se em cinco categorias distintas: crianças abandonadas; crianças fugidas de casa; acidente ou infortúnio; rapto por parte de um familiar; e rapto por parte de um desconhecido. A lei das probabilidades dizia-lhe que o desaparecimento de Neil Spencer acabaria por se revelar ter sido um acidente qualquer, e que o menino seria encontrado muito em breve. No entanto, quanto mais caminhava, mais o seu instinto lhe dizia precisamente o contrário. Uma sensação desagradável enrolara-se-lhe à volta do coração. Na verdade, o desaparecimento de uma criança tinha sempre esse efeito em si. Não significava nada em concreto; eram apenas as más recordações de há 20 anos a virem ao de cima, trazendo consigo sentimentos de desconforto.

O feixe de luz da sua lanterna passou sobre algo cinzento.

Pete deteve-se de imediato e tentou voltar ao mesmo ponto. Deparou-se com um televisor antigo aninhado na base de um dos arbustos, o ecrã partido em vários sítios, como se alguém o tivesse utilizado para tiro ao alvo. Fitou-o durante alguns instantes.

— Alguma coisa? — perguntou uma voz anónima, vinda de um dos lados.

— Não — gritou ele em resposta.

Alcançou a extremidade do terreno baldio ao mesmo tempo que os restantes agentes. A busca revelara-se infrutífera. Depois da escuridão quase total atrás de si, Pete sentiu um estranho desconforto sob o brilho pálido das luzes dos candeeiros de rua. Percebia-se um ligeiro zunido de vida no ar, que estivera ausente no silêncio do terreno baldio.

Alguns momentos depois, sem uma alternativa melhor, começou a fazer o caminho de volta.

Não sabia muito bem para onde estava a ir, mas deu por si a dirigir-se para a zona lateral do terreno, para a antiga pedreira que o flanqueava, a todo o comprimento, de um dos lados. Era um local perigoso na escuridão, pelo que decidiu juntar-se à amálgama de luzes das lanternas da equipa de buscas na pedreira, prestes a iniciar o seu trabalho. Enquanto alguns agentes vasculhavam a área, percorrendo todo o perímetro da pedreira, apontando os feixes de luz para as escarpas íngremes e chamando o nome do rapaz, os agentes a que Pete se juntou consultavam mapas e preparavam-se para descer o caminho irregular que conduzia lá abaixo. Dois deles ergueram o olhar assim que ele se aproximou.

— Inspetor? — Um deles reconheceu-o. — Não sabia que estava de serviço esta noite.

— E não estou. — Pete levantou o arame da vedação e passou por baixo para se juntar a eles, caminhando ainda com mais cuidado. — Moro aqui na zona.

— Certo, inspetor. — O agente soou um pouco cético.

Não era habitual um inspetor aparecer durante o que consistia ostensivamente em trabalho de sapa. A inspetora Amanda Beck estava a coordenar a investigação a partir do seu gabinete, e a equipa de buscas era composta essencialmente por subalternos. Pete sabia que tinha mais anos de experiência do que qualquer um deles, mas, nessa noite, fazia apenas parte do todo. Uma criança estava desaparecida, o que significava que tinham de a encontrar. O agente talvez fosse demasiado jovem para se lembrar do que acontecera com Frank Carter duas décadas antes e para compreender por que razão não era surpresa nenhuma encontrar Pete Willis em circunstâncias como aquela.

— Atenção, inspetor. O chão é muito irregular aqui.

— Eu sei.

Pelos vistos, o agente era também suficientemente jovem para o desvalorizar como um velhote qualquer. Provavelmente, nunca vira Pete no ginásio da esquadra, que frequentava todas as manhãs antes de entrar ao serviço. Não obstante a diferença de idades, Pete apostava que conseguiria superar aquele homem mais novo em qualquer máquina. Estava a prestar atenção ao chão, sim. Aliás, estar atento a tudo — incluindo a si próprio — era algo que lhe estava no sangue.

— Certo, inspetor. Bem, entretanto, vamos começar a descer. Estamos só a coordenar tudo.

— Não estou encarregado do caso. — Pete apontou a lanterna para o caminho de terra, perscrutando o solo irregular. O feixe de luz alcançava somente uma curta distância. O fundo da pedreira, lá em baixo, era um enorme buraco negro. — Tem de prestar contas à inspetora Beck, não a mim.

— Sim, inspetor.

Pete continuou a olhar fixamente para o espaço lá em baixo, pensando em Neil Spencer. Os caminhos mais prováveis de o menino ter tomado já haviam sido identificados. As ruas tinham sido esquadrinhadas. A maioria dos amigos do rapaz já fora contactada. Tudo sem qualquer resultado. O terreno baldio fora passado a pente fino. Se o desaparecimento do rapaz fosse realmente resultado de um acidente ou de um infortúnio qualquer, a pedreira era o único local que restava, onde faria todo o sentido encontrá-lo.

Todavia, o mundo negro lá em baixo parecia completamente vazio.

Pete não tinha a certeza — não racionalmente —, mas o seu instinto dizia-lhe que Neil Spencer não seria encontrado lá em baixo.

Que, possivelmente, jamais seria encontrado.

3

— Lembras-te do que te disse? — perguntou a menina.

Jake lembrava-se, mas, nesse momento, estava a fazer os possíveis para a ignorar. As outras crianças do Clube 567 estavam lá fora, a brincar ao sol. Ouvia-se a gritaria e o som de uma bola de futebol a saltitar no alcatrão, que, de vez em quando, batia na parede lateral do edifício.

Ele, contudo, estava ali dentro, a trabalhar no seu desenho. Preferia ter ficado sozinho para o poder terminar.

Não que não gostasse de brincar com a menina. Obviamente que gostava. A maioria das vezes ela era a única que queria brincar com ele, e, por norma, ele ficava contente por vê-la. Todavia, nessa tarde, ela não estava a ser particularmente divertida. Aliás, estava muito séria, o que não lhe agradava nada.

— Lembras-te?

— Acho que sim.

— Então repete-o.

Ele suspirou, pousou o lápis e olhou para ela. Como sempre, a menina envergava um vestido aos quadrados azuis e brancos. Tinha uma esfoladela no joelho direito, que parecia nunca sarar por completo. Enquanto as outras raparigas andavam de cabelo arranjado, cortado pela altura dos ombros ou preso num rabo de cavalo, o dela estava desgrenhado, puxado para o lado, e parecia não ser penteado há muito tempo.

A julgar pela expressão no rosto dela, era evidente que não tencionava desistir, pelo que ele repetiu o que ela lhe dissera.

— «Se deixares uma porta entreaberta...»

Era realmente surpreendente que ele se recordasse daquilo, pois não fizera grande esforço para memorizar as palavras. Porém, por algum motivo, haviam-lhe ficado na cabeça. Tinha que ver com o ritmo. Às vezes ouvia uma canção na CBBC e ficava com ela na cabeça durante várias horas. O pai dizia que era «ficar com a música no ouvido», o que fizera Jake imaginar os sons a esgueirarem-se para o interior do seu ouvido e a contorcerem-se dentro da sua mente.

Quando Jake terminou, a menina acenou com a cabeça, satisfeita. Ele tornou a pegar no lápis.

— Mas o que é que quer dizer? — perguntou-lhe ele.

— É um aviso. — Ela franziu o nariz. — Quer dizer... é uma espécie de aviso. As crianças costumavam dizê-lo quando eu era pequena.

— Sim, mas o que é que significa?

— É só um bom conselho — respondeu-lhe ela. — A verdade é que há muitas pessoas más no mundo, muitas coisas más. Por isso é bom não nos esquecermos.

Jake franziu o sobrolho e recomeçou a desenhar. Pessoas más. Ali no Clube 567, havia um rapaz ligeiramente mais velho do que ele, chamado Carl, que Jake considerava mau. Na semana anterior, Carl encurralara-o enquanto Jake estava a construir um forte de *Lego* e posicionara-se demasiado perto, pairando sobre ele como uma sombra enorme. «Porque é que é sempre o teu pai que te vem buscar?», perguntara Carl, apesar de já saber a resposta. «É porque a tua mãe está morta?» Jake não lhe respondera. «Como é que ela estava quando a encontraste?» Ele continuou sem lhe responder.

Salvo nos seus pesadelos, Jake raramente pensava no que sentira ao encontrar a mãe naquele dia. A sua respiração ficava muito estranha e não funcionava devidamente. Porém, de uma coisa ele nunca poderia escapar: da certeza de que ela já não estava presente.

Isso fê-lo recordar uma ocasião, muito tempo antes, em que espreitara pela porta da cozinha e a vira a cortar um enorme pimento vermelho ao meio e a retirar-lhe as sementes. «Olá, giraço!», fora o que ela dissera assim que o vira. Tratava-o sempre dessa maneira. O que ele sentia por dentro quando lhe vinha à cabeça que ela estava

morta assemelhava-se ao som que o pimento fizera, como se algo tivesse sido arrancado de dentro dele e tivesse deixado um buraco.

«Gosto mesmo de te ver chorar como um bebé», declarou Carl, afastando-se de seguida, como se Jake nem sequer existisse.

Não era agradável imaginar que o mundo estava cheio de pessoas assim, e Jake recusava-se a acreditar nisso. Começou a desenhar círculos na folha de papel. Campos de força em redor dos bonecos-palito que combatiam.

— Estás bem, Jake?

Ele ergueu o olhar. Era Sharon, uma das funcionárias do Clube 567. Estivera a lavar a extremidade oposta da sala, mas aproximara-se, inclinada para a frente, de mãos apoiadas nos joelhos.

— Sim — respondeu-lhe.

— Que desenho tão bonito!

— Ainda não está acabado.

— O que é que vai ser?

Ele pensou na melhor maneira de explicar a batalha que estava a desenhar — os diferentes lados a combaterem, as linhas entre eles e os rabiscos por cima dos que tinham perdido —, mas era demasiado complicado.

— É só uma batalha.

— Tens a certeza de que não queres ir lá para fora brincar com os outros meninos? Está um dia tão bonito!

— Não, obrigado.

— Temos protetor solar que chegue. — Ela olhou em redor. — E também deve haver um chapéu algures.

— Preciso de terminar o meu desenho.

Sharon endireitou-se e soltou um suspiro, mas o seu rosto exibía uma expressão carinhosa. Estava preocupada com ele, e, embora Jake não visse razão para tal, admitia que era uma sensação agradável. Percebia sempre quando as pessoas estavam preocupadas consigo. Era frequente ver a preocupação do pai, exceto quando este perdia a paciência. Às vezes gritava e dizia coisas como: «É só porque quero que fales comigo; quero saber o que estás a pensar e a sentir.» Era um pouco assustador quando isso acontecia, pois Jake

achava que estava a desiludir o pai e a deixá-lo triste, mas não sabia ser diferente.

Volta e mais volta — mais um campo de força, as linhas a sobreporem-se. Ou talvez fosse um portal? Para que a pequena figura no interior pudesse desaparecer da batalha e ir para um sítio mais agradável. Jake virou o lápis e começou a apagar cuidadosamente a figura.

Pronto. Agora estás em segurança, onde quer que estejas.

Numa ocasião, depois de o pai ter perdido a paciência, Jake encontrou um bilhete dele em cima da cama. Continha um retrato muito bom de ambos, a sorrirem, e, por baixo, o pai escrevera: «Desculpa. Nunca te esqueças de que, mesmo quando discutimos, continuamos a gostar muito um do outro. Beijinhos.»

Jake guardara esse bilhete na sua Caixa das Coisas Especiais, juntamente com todas as coisas importantes que precisava de guardar.

Espreitou-a. A caixa estava à sua frente, em cima da mesa, mesmo ao lado do desenho.

— Não tarda nada vais mudar-te para a casa nova — disse-lhe a menina.

— Vou?

— O teu pai foi hoje ao banco.

— Eu sei. Mas ele diz que não sabe se o negócio vai para a frente ou não. Podem não lhe dar aquela coisa de que ele precisa.

— O empréstimo — disse a menina, pacientemente. — Mas vão dar.

— Como é que sabes?

— Ele é um escritor famoso, não é? Tem jeito para inventar coisas. — Ela olhou para o desenho de Jake e sorriu para si própria.

— Tal como tu.

Jake interrogou-se sobre o sorriso dela. Fora um sorriso estranho, como se ela estivesse contente, mas, ao mesmo tempo, triste com algo. Pensando nisso, era precisamente assim que se sentia em relação à mudança de casa. Já não gostava de estar na casa dele, mas tinha a sensação de que não deveriam mudar-se, apesar de ter sido ele a encontrar a casa nova no *iPad* do pai, enquanto pesquisavam juntos.

— Vou continuar a ver-te depois de me mudar, não vou? — indagou ele.

— Claro que sim. Sabes bem que sim — respondeu a menina. Depois, inclinando-se para a frente, acrescentou, num tom mais urgente: — Mas, aconteça o que acontecer, lembra-te do que te disse. É importante. Tens de me prometer, Jake.

— Prometo. Mas o que é que significa?

Por momentos, teve a sensação de que ela ia explicar-lhe, mas então a campainha soou na outra ponta da sala.

— Tarde demais — sussurrou ela. — O teu pai já chegou.

4

Quando cheguei, a maioria das crianças parecia estar a brincar no pátio do Clube 567. Ouvi a mistura de risos enquanto estava a estacionar. Pareciam todas tão felizes — tão normais —, e, por momentos, perscrutei-as com o olhar, à procura do Jake, na esperança de o ver entre elas.

Porém, claro, o meu filho não estava ali.

Em vez disso, fui dar com ele lá dentro, sentado de costas para a porta, debruçado sobre um desenho. Senti uma dor no coração quando o vi. O Jake era pequeno para a idade, e a sua postura, nesse instante, fazia-o parecer mais pequeno e vulnerável do que nunca. Como se tentasse desaparecer no desenho à sua frente.

Quem poderia censurá-lo? Eu sabia que ele detestava estar ali, embora nunca se tivesse oposto ou se tivesse queixado disso. Contudo, eu sentia que não tinha alternativa. Houve tantos momentos angustiantes desde a morte da Rebecca: o primeiro corte de cabelo no barbeiro a que eu o levava; encomendar as fardas da escola; embrulhar os presentes de Natal dele, desajeitadamente, por não conseguir ver por entre as minhas lágrimas. Uma lista interminável. Porém, por alguma razão, as férias escolares tinham sido a pior parte. Por muito que amasse o Jake, era-me impossível passar o dia inteiro, de manhã à noite, com ele. Sentia que não havia o suficiente em mim para preencher todas aquelas horas, e, embora detestasse o facto de não conseguir ser o pai de que o Jake tanto necessitava, a verdade era que, às vezes, precisava de tempo para mim. Para esquecer o abismo que existia entre nós. Para ignorar a minha crescente incapacidade de lidar com a situação. Para poder

ir-me abaixo e chorar um pouco, sabendo que ele não iria aparecer de repente e apanhar-me.

— Olá, filhote. — Pousei a mão no ombro dele, mas ele não ergueu o olhar.

— Olá, papá.

— O que é que tens estado a fazer?

— Nada de especial. — Senti um encolher de ombros quase impercetível sob a minha mão. O corpo dele parecia ausente, como se fosse mais leve e macio do que o tecido da t-shirt que envergava. — Estive a brincar um bocadinho com alguém.

— Com alguém? — indaguei.

— Uma menina.

— Que bom. — Debrucei-me sobre ele e espreitei a folha. — E a desenhar também, pelo que vejo.

— Está bonito?

— Claro que sim. Gosto muito.

Na verdade, não fazia a mínima ideia do que significava o desenho — um combate qualquer, embora fosse impossível distinguir os lados ou perceber o que estava a acontecer. O Jake raramente desenhava algo estático. Os seus desenhos ganhavam vida, uma animação que se ia manifestando no papel, pelo que o resultado final era como um filme, em que se viam todas as cenas em simultâneo, sobrepostas umas às outras.

Era criativo, contudo, e isso agradava-me. Era uma das coisas em que se parecia comigo, uma ligação que tínhamos. Apesar de, na verdade, eu mal ter escrito uma palavra nos últimos dez meses, desde a morte da Rebecca.

— Vamos mudar-nos para a casa nova, papá?

— Sim.

— Quer dizer que a pessoa do banco ouviu-te?

— Digamos que fui convincentemente criativo em relação ao estado lastimável das minhas economias.

— O que é que quer dizer «lastimável»?

Era quase uma surpresa que ele não o soubesse. Há muito tempo, eu e a Rebecca tínhamos acordado falar com o Jake como se ele fosse

um adulto, e, sempre que surgia uma palavra que ele não conhecia, nós explicávamos-lha. O Jake absorvia tudo e, conseqüentemente, saía-se muitas vezes com coisas estranhas. Aquela, contudo, não era uma palavra que me apetecesse explicar-lhe naquele momento.

— Significa que é algo para eu e a pessoa do banco nos preocuparmos — respondi-lhe. — E não tu.

— Quando é que vamos?

— Assim que possível.

— Como é que vamos levar tudo?

— Alugamos uma carrinha. — Pensei no dinheiro e contive uma pontada de pânico. — Ou talvez utilizemos apenas o carro. Embalamos tudo e fazemos meia dúzia de viagens. Talvez não consigamos levar absolutamente tudo connosco, mas podemos fazer uma triagem dos teus brinquedos, para ver o que é que queres levar contigo.

— Quero levá-los todos.

— Depois vemos, está bem? Não te vou obrigar a desfazeres-te de nada que queiras, mas muitos deles já não são para a tua idade. Talvez outro menino gostasse de ficar com eles.

O Jake não me respondeu. Muitos dos brinquedos talvez já não fossem para a idade dele, mas todos tinham uma recordação associada. A Rebecca sempre tivera muito mais jeito com o Jake, incluindo para brincar com ele, e, na minha mente, ainda a via ajoelhada no chão a brincar com os bonecos. Incansável, maravilhosamente paciente com ele, de todas as maneiras que eu não era capaz. Os brinquedos dele eram coisas nas quais ela mexera. Quanto mais antigos fossem, mais impressões digitais dela teriam. Uma acumulação invisível da presença dela na vida dele.

— Como disse, não te vou obrigar a desfazeres-te de coisas que queiras guardar — repeti.

Pensei de imediato na sua Caixa das Coisas Especiais. Estava em cima da mesa, ao lado do desenho, uma pasta de couro gasta, mais ou menos do tamanho de um livro de capa dura, com um fecho que corria as três faces laterais. Não fazia ideia do que teria sido anteriormente. Parecia uma agenda enorme sem as páginas, embora não

me ocorresse por que motivo a Rebecca pudesse ter tido uma coisa daquelas.

Meses após ela ter morrido, vasculhei algumas das suas coisas. A minha mulher fora uma eterna acumuladora, mas com um sentido prático, pelo que muitos dos seus pertences mais antigos estavam guardados em caixas empilhadas na garagem. Um dia, levei algumas dessas caixas para dentro de casa e examinei o seu conteúdo. Havia coisas da infância dela, totalmente desassociadas da nossa vida em comum. Julguei que isso pudesse facilitar o processo, mas foi puro engano. A infância é — ou deveria ser — uma época feliz e, no entanto, eu sabia que aqueles artefactos simples, carregados de esperança, tinham tido um desfecho infeliz. Desatei a chorar. O Jake apareceu e pousou a mão no meu ombro, e, como eu não reagi de imediato, pôs os bracinhos dele à minha volta. Depois, examinámos, juntos, algumas das coisas, e ele encontrou o que viria a ser a Caixa das Coisas Especiais, perguntando-me se podia ficar com ela. Claro que sim. Poderia ficar com tudo o que quisesse.

Na altura, a caixa encontrava-se vazia, mas ele começou a enchê-la. Guardou alguns dos pertences da Rebecca, cartas, fotografias e bugigangas, bem como desenhos que ele fizera ou objetos que considerava importantes. Como o ajudante de uma bruxa, a caixa raramente saía de perto dele, e, à exceção de meia dúzia de coisas, eu não sabia o que continha. Nem teria espreitado o seu interior, mesmo que tivesse oportunidade. Afinal de contas, eram as coisas especiais dele, e ele tinha direito a elas.

— Anda, filhote — disse-lhe eu. — Vamos buscar as tuas coisas para irmos embora.

Ele dobrou o desenho e estendeu-mo para que o levasse. Fosse o que fosse, não era suficientemente importante para ir para dentro da caixa. Pegou nela e atravessou a sala em direção à porta, onde a sua garrafa de água estava pendurada num cabide. Premi o botão verde para abrir a porta e olhei de relance para trás. A Sharon estava ocupada com a limpeza.

— Queres despedir-te? — perguntei ao Jake.

Ele virou-se para trás, à entrada, e, por breves momentos, exibiu uma expressão triste. Eu estava à espera de que ele se despedisse da Sharon, mas, em vez disso, acenou para a mesa vazia onde estivera sentado.

— Adeus — disse ele. — Prometo que não me esquecerei.

Antes de eu ter tempo de dizer alguma coisa, esgueirou-se para a rua por baixo do meu braço.

5

No dia em que a Rebecca morreu, eu tinha ido buscar o Jake à escola.

Essa tarde deveria ter sido dedicada à escrita, pelo que, quando a Rebecca me pedira para ir buscar o Jake, no que era suposto ser a vez dela, a minha primeira reação foi de irritação. Faltavam escassos meses para o prazo de entrega do meu livro e eu passara a maior parte do dia sem conseguir escrever uma única palavra, pelo que estava a contar com um qualquer milagre de última hora. Contudo, a Rebecca parecera-me pálida e debilitada, por isso eu assentira.

No caminho de regresso a casa, esforcei-me por fazer conversa com o Jake sobre como lhe tinha corrido o dia, mas sem qualquer resultado. Era o costume. Ou não se lembrava ou não queria falar. E, também como de costume, fiquei com a sensação de que ele teria respondido à Rebecca, o que, aliado ao contínuo fracasso na escrita do meu livro, me fez sentir ainda mais ansioso e inseguro do que o normal. Assim que chegámos a casa, ele saiu disparado do carro. Perguntou-me se podia ir ter com a mãe, e eu respondi-lhe que sim. Estava certo de que ela ficaria contente. Mas não estava a sentir-se bem, por isso ele teria de ser carinhoso — «E não te esqueças de descalçar os sapatos; sabes que a mamã detesta sujidade.»

Demorei-me algum tempo no carro, sem pressa, sentindo-me mal comigo próprio por ser um fracasso total. Por fim, entrei calmamente em casa, pousando as coisas na cozinha — e reparando que o Jake não tinha descalçado os sapatos, como eu lhe pedira. Porque, claro, ele nunca me dava ouvidos. A casa estava imersa em silêncio. Parti do princípio de que a Rebecca estaria deitada no piso de cima e que o Jake fora ter com ela, e que estava tudo bem.

À exceção de mim.

Somente quando entrei finalmente na sala de estar é que vi o Jake parado ao fundo, junto à porta que conduzia às escadas, fitando algo no chão que eu não conseguia vislumbrar. Estava completamente imóvel, hipnotizado pelo que quer que estivesse a ver. Quando me aproximei lentamente, reparei que, afinal, não estava completamente imóvel, mas a tremer. Depois vi a Rebecca, estendida ao fundo das escadas.

Tudo o que se seguiu foi muito vago. Sei que levei o Jake para longe dali. Sei que chamei uma ambulância. Sei que fiz tudo o que deveria ter feito, embora não me lembre de ter feito nada.

O pior era que, embora o Jake nunca tivesse falado comigo sobre o assunto, eu tinha a certeza de que ele se recordava de tudo.

Dez meses depois, entrávamos os dois na cozinha, com quase todas as bancadas cheias de pratos e de canecas, e o pouco espaço visível sujo com manchas e migalhas. Na sala de estar, os brinquedos que se estendiam sobre o soalho de madeira pareciam dispersos e esquecidos. Não obstante eu ter dito que faríamos uma triagem dos brinquedos antes de nos mudarmos, parecia que já tínhamos vasculhado todos os nossos pertences, retirado tudo o que necessitávamos e deixado o resto espalhado como se fosse lixo. Uma sombra constante pairava sobre a casa, há meses, cada vez mais escura, como um dia que vai chegando gradualmente ao fim. Parecia que a nossa casa havia começado a desmoronar-se desde a morte da Rebecca. A verdade era que ela fora sempre o coração de tudo.

— Podes dar-me o meu desenho, papá?

O Jake já estava de joelhos no chão, reunindo as canetas de cor que se tinham espalhado nessa manhã.

— E as palavras mágicas?

— Se faz favor.

— Claro que sim. — Pousei o desenho ao lado dele, no chão.

— Queres uma sandes de fiambre?

— Posso comer antes uma guloseima?

— Depois da sandes.

— Está bem.

Arranjei um pouco de espaço em cima da bancada e barrei duas fatias de pão com manteiga; em seguida, pus três fatias de fiambre na sandes e cortei-a em quatro partes. Tentando lutar contra a depressão. Um pé à frente do outro. Sem parar.

Não conseguia deixar de pensar no que acontecera no Clube 567: o Jake a despedir-se de uma mesa vazia. O meu filho sempre tivera amigos imaginários. Fora sempre uma criança solitária; havia algo nele tão alienado e introspetivo que parecia afastar as outras crianças. Nos dias bons, eu conseguia fingir que era por ele ser independente e feliz dentro da sua própria cabeça, e mentalizava-me de que não havia qualquer problema. A maior parte do tempo, porém, ficava preocupado.

Porque é que o Jake não podia ser mais parecido com as outras crianças?

Mais normal?

Sabia que era um pensamento terrível, mas queria protegê-lo, apenas. O mundo podia ser muito cruel com uma pessoa sossegada e solitária como ele, e não queria que ele passasse pelo mesmo que eu passara com aquela idade.

De qualquer forma, até então, os amigos imaginários haviam-se manifestado com subtileza — mais sob a forma de pequenas conversas que às vezes tinha consigo próprio —, e não me agradava particularmente aquele novo desenvolvimento. Não tinha a menor dúvida de que a menina com quem ele dissera ter estado a brincar existia apenas na cabeça dele. Era a primeira vez que ele o admitia em voz alta, dirigindo-se a alguém imaginário na presença de outras pessoas, e isso deixava-me algo alarmado.

É claro que a Rebecca nunca se preocupara com isso. «Ele está bem; deixa-o ser como é.» E, uma vez que ela percebia a maioria das coisas melhor do que eu, fiz sempre o possível para tolerar a situação. Mas neste momento interrogava-me se ele não estaria a precisar verdadeiramente de ajuda.

Ou talvez estivesse apenas a ser ele próprio.

Tratava-se de mais uma coisa complicada com a qual eu deveria saber lidar, mas não sabia. Não fazia ideia de qual seria a atitude acertada ou como ser um bom pai. Desejava tanto que a Rebecca ainda aqui estivesse!

Sinto a tua falta...

Esse pensamento, contudo, provocaria uma enchente de lágrimas, pelo que o afastei de imediato da cabeça e peguei no prato. Ouvi o Jake a falar em surdina na sala de estar.

— Sim — dizia. E depois, em resposta a algo que eu não ouvira: — Sim, eu sei.

Senti um arrepio.

Aproximei-me cautelosamente da soleira da porta, sem a transpor, limitando-me a ficar à escuta. Não conseguia vislumbrar o Jake, mas a luz do Sol que entrava pela janela ao fundo da sala projetava a sombra dele na parte lateral do sofá: uma forma amorfa, não reconhecidamente humana, a mover-se lentamente, como se ele estivesse a baloiçar-se sobre os joelhos.

— Eu lembro-me.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, durante os quais só conseguia ouvir o meu batimento cardíaco. Reparei que estava a sustentar a respiração. Ele voltou a falar, embora num tom bastante mais alto. Parecia zangado.

— Não quero dizer!

Entrei na sala.

Por um breve momento, não tinha a certeza do que iria encontrar. Porém, o Jake estava agachado no chão, exatamente no sítio onde eu o deixara, com a diferença de que estava a olhar para o lado, negligenciando o seu desenho. Segui-lhe o olhar. Não estava ali ninguém, claro, mas ele parecia tão focado no espaço vazio que era fácil imaginar uma presença no ar.

— Jake? — chamei em surdina. Ele não olhou para mim. — Com quem estavas a falar?

— Com ninguém.

— Eu ouvi-te a falar.

— Com ninguém.

Depois virou-se ligeiramente, tornou a pegar no marcador e continuou a desenhar. Dei mais um passo em frente.

— Podes pousar isso e responder-me, por favor?

— Porquê?

— Porque é importante.

— Não estava a falar com ninguém.

— Pousa o marcador, como te disse.

Contudo, ele continuava a desenhar, a sua mão movendo-se com mais vigor, o marcador a desenhar círculos desesperados em torno das pequenas figuras.

A minha frustração transformou-se em fúria. Era frequente o Jake parecer-me um problema para o qual eu não tinha solução, e odiava-me por ser tão inútil e incapaz. Por outro lado, sentia um certo rancor para com ele por nunca me oferecer uma pista sequer, por nunca se encontrar comigo a meio caminho. Eu queria ajudá-lo; queria garantir o seu bem-estar. E não me sentia capaz de o fazer sozinho.

Reparei que estava a segurar o prato com demasiada força.

— Aqui tens a tua sandes.

Pousei o prato em cima do sofá, sem esperar para ver se ele parara de desenhar ou não. Ao invés, regressei de imediato à cozinha, apoiei as mãos na bancada e fechei os olhos. O meu coração batia furiosamente.

Sinto tanto a tua falta, Rebecca, pensei. Quem me dera que estivesses aqui. Por inúmeras razões, mas, neste momento, porque não me sinto capaz de fazer isto.

Comecei a chorar. Não havia problema. O Jake estava entretido a desenhar ou a lanchar, pelo que não viria à cozinha. Porque haveria de o fazer se só eu ali estava? Por isso, não havia problema. O meu filho poderia conversar em surdina à vontade com pessoas que não existiam. E, desde que o fizesse silenciosamente, eu também.

Sinto a tua falta.

Nessa noite, como habitualmente, levei o Jake ao colo para a cama. Era assim desde a morte da Rebecca. Recusava-se a olhar para

o sítio onde encontrara o corpo dela, agarrando-se a mim com toda a força, sustentando a respiração e escondendo o rosto no meu ombro. Todas as manhãs, todas as noites e sempre que precisava de ir à casa de banho. Eu compreendia, mas ele começava a tornar-se demasiado pesado, em vários sentidos.

Felizmente, isso mudaria em breve.

Depois de ele adormecer, desci ao piso inferior e sentei-me no sofá com um copo de vinho e o meu *iPad*, a estudar os pormenores da nossa casa nova. Olhar para a fotografia no site da agência imobiliária provocava-me um outro tipo de ansiedade.

Para todos os efeitos, fora o Jake quem escolhera aquela casa. Ao início, eu não percebera o seu encanto. Tratava-se de uma propriedade isolada e pequena — antiga, com dois pisos e o aspeto decrépito de uma casa de campo. As janelas pareciam invulgarmente posicionadas, pelo que era difícil imaginar a disposição da habitação no interior, e tinha o ângulo do telhado ligeiramente torto, o que fazia com que a fachada aparentasse estar curiosamente inclinada, quase como se assumisse uma expressão irada. Evocava, contudo, também uma sensação mais generalizada — um formigueiro na nuca. Quando a vira pela primeira vez, a casa incomodara-me.

No entanto, assim que o Jake a vira, mostrara-se decidido. Algo naquela casa o cativara, ao ponto de se ter recusado a ver outras.

Quando me acompanhara, na primeira visita, parecera quase hipnotizado. Eu ainda não estava convencido. A casa tinha boas áreas, mas estava muito suja. Havia armários e cadeiras cobertos de pó, maços de jornais velhos, caixas de cartão, um colchão no quarto de visitas, no piso térreo. A proprietária, uma idosa chamada Sra. Shearing, pedira imensa desculpa; tudo aquilo pertencia a um inquilino a quem ela alugara a casa, explicara-me, e seria levado dali antes da venda.

Porém, o Jake estava decidido, pelo que eu agendara uma segunda visita, dessa vez sozinho. Foi nessa altura que comecei a olhar para a casa com outros olhos. Sim, tinha um aspeto estranho, mas isso conferia-lhe um certo encanto, estilo rafeiro. E o que antes me parecera um ar irado começara a assemelhar-se mais a prudência, como

se a propriedade tivesse sido magoada no passado e fosse necessário fazer um esforço para conquistar a sua confiança.

Digamos que tinha personalidade.

No entanto, a ideia de me mudar apavorava-me. Aliás, nessa tarde, uma parte de mim desejava que o gerente do banco tivesse detetado as meias-verdades que eu lhe contara sobre a minha situação financeira e tivesse recusado o empréstimo de imediato. Contudo, agora sentia-me aliviado. Olhando em redor da sala de estar, para os restos abandonados da vida que em tempos tivéramos, era evidente que eu e o Jake não poderíamos continuar como estávamos. Independentemente das dificuldades que se nos apresentariam, tínhamos de sair dali. E, por muito difícil que pudesse ser para mim nos primeiros meses, o meu filho precisava disso. Ambos precisávamos.

Tínhamos de começar de novo. Num sítio onde ele não tivesse de subir e descer as escadas ao colo, onde pudesse encontrar amigos que existiam fora da sua cabeça, onde eu não visse os meus próprios fantasmas em cada esquina.

Olhando novamente para a fotografia da casa, ocorreu-me que, curiosamente, tinha tudo que ver comigo e com o Jake. Que, tal como nós, era uma alienada com dificuldades de integração. Que nos iríamos dar bem. Até o nome da localidade era simpático e reconfortante.

Featherbank¹.

Soava a um lugar onde estaríamos em segurança.

¹ «Featherbank», cujo significado literal é «banco de penas», no contexto poderá ser entendido como «cama de penas», numa evocação de tranquilidade e conforto. [N. T.]

6

À semelhança de Pete Willis, a inspetora Amanda Beck tinha a perfeita noção da importância das primeiras 48 horas. Mandara a sua equipa passar as 12 horas seguintes a esquadrihar os vários caminhos que Neil Spencer poderia ter tomado, bem como a interrogar familiares e a construir um perfil do menino desaparecido. Foram solicitadas fotografias e investigados os antecedentes. Às 9 horas da manhã seguinte, foi realizada uma conferência de imprensa e facultada aos meios de comunicação social uma descrição de Neil e do que ele vestia na altura do desaparecimento.

Os pais de Neil encontravam-se sentados em silêncio, de cada lado de Amanda, enquanto ela fazia os apelos do costume e encorajava as testemunhas a chegarem-se à frente. Os flashes das máquinas fotográficas disparavam intermitentemente sobre os três. Amanda fez os possíveis para os ignorar, mas sentia os pais de Neil a registarem-nos, um a um, estremecendo ligeiramente como se os fotógrafos os estivessem a picar.

— Pedimos a todos que verifiquem as suas garagens e barracões — disse ela para a sala. Fora tudo feito com o máximo de calma e de discrição. O seu principal objetivo era, além de localizar Neil Spencer, tranquilizar o pânico das pessoas, e, embora não pudesse dizer propriamente que Neil não fora raptado, pelo menos poderia deixar bem claro qual era o foco da investigação naquele momento. — A explicação mais plausível é que o Neil tenha tido algum tipo de acidente — prosseguiu ela. — Apesar de estar desaparecido há 15 horas, temos toda a esperança de o encontrar são e salvo, e em breve. — Na verdade, não estava tão confiante disso.

* * *

Uma das primeiras coisas que Amanda fez assim que regressou à sala de operações, logo após a conferência de imprensa, foi mandar buscar, discretamente, o punhado de conhecidos agressores sexuais da região e interrogá-los de uma forma não tão discreta.

Ao longo do dia, a área de buscas foi expandida. Dragaram-se partes do canal — uma perspectiva pouco provável — e iniciaram-se extensas inquirições porta a porta. Analisaram-se, igualmente, gravações de câmaras de videovigilância; Amanda examinou-as pessoalmente. Revelavam o início do percurso de Neil, mas perderam-lhe o rasto pouco antes de o menino ter alcançado o terreno baldio, e já não o voltaram a apanhar depois. Algures entre esses dois pontos, o menino desaparecera.

Exausta, Amanda esfregou o rosto, numa tentativa de o estimular.

Os agentes voltaram a vasculhar o terreno baldio, desta vez durante o dia, e a exploração à pedreira continuava a decorrer.

Ainda não havia sinal de Neil Spencer.

Contudo, de certa forma, o menino aparecia um pouco por toda a parte, e cada vez mais ao longo do dia: circulavam fotografias suas nos noticiários, em especial a de Neil com uma camisola de futebol e a sorrir — uma das poucas que os pais tinham dele com um ar feliz. As reportagens mostravam mapas simples com localizações-chave assinaladas com círculos vermelhos e possíveis trajetos tracejados a amarelo.

Foram também divulgadas imagens da conferência de imprensa. Ao vê-las, no seu tablet, deitada na cama, nessa noite, Amanda achou que os pais de Neil tinham um ar mais abatido do que lhe parecera na altura. Tinham um ar culpado. E se ainda não se sentiam culpados, seria por pouco tempo; iriam ser levados a isso. Durante o briefing, nessa mesma tarde, ela alertara os seus agentes, muitos deles também pais, para o facto de que, apesar de as circunstâncias em torno do desaparecimento de Neil Spencer serem controversas, os pais do rapaz deveriam ser tratados com tato. Era por demais evidente que estavam longe de serem pais exemplares, mas Amanda

não suspeitava que tivessem tido qualquer envolvimento direto. O pai tinha crimes menores no cadastro — embriaguez, desacatos e uma advertência por se ter envolvido numa briga —, mas nada que levantasse quaisquer suspeitas. A mãe não tinha cadastro. Além disso, ambos pareciam absolutamente de rastos com a situação. Ainda não tinham começado a recriminar-se um ao outro, ao contrário do que seria de esperar.

Queriam apenas o filho de volta.

Amanda dormiu mal, pelo que estava de volta à esquadra bastante cedo na manhã seguinte. Com mais de 36 horas decorridas, e muito poucas de descanso, sentou-se no seu gabinete a pensar nas cinco categorias atribuídas ao desaparecimento de crianças, cada vez mais inclinada a chegar a uma conclusão desagradável. Não acreditava que Neil tivesse sido abandonado ou assassinado pelos pais; se tivesse sofrido algum acidente a caminho de casa, já teria sido encontrado; o rapto por parte de um familiar parecia-lhe pouco provável; e, embora não fosse impossível Neil ter fugido, recusava-se a acreditar que pudesse ser enganada durante tanto tempo por um menino de 6 anos sem dinheiro ou mantimentos.

Fitou a fotografia dele na parede, pensando no pior cenário.

Rapto por parte de um não familiar.

O público em geral talvez o visse como um rapto por parte de um desconhecido, mas a precisão era importante. As crianças incluídas nessa categoria raramente eram raptadas por pessoas totalmente desconhecidas. O mais habitual era estabelecer-se uma amizade — serem preparadas por alguém na periferia das suas vidas. Como tal, o foco da investigação mudara, e os elementos que haviam formado uma parte mais subtil desse último dia e meio passaram a estar em grande plano: amigos da família, familiares dos amigos, uma averiguação ainda mais atenta aos conhecidos agressores sexuais, a utilização da Internet na casa do menino.

Amanda tornou a visionar as imagens disponíveis captadas pelas câmaras de videovigilância e começou a examiná-las de diferentes

ângulos mentais, concentrando-se não tanto na presa, mas nos potenciais predadores.

Os pais de Neil foram novamente interrogados.

— O vosso filho manifestou alguma preocupação relativamente a ter sido alvo de atenção indesejada por parte de outros adultos? — perguntou-lhes Amanda. — Disse alguma coisa sobre ter sido abordado por alguém?

— Não. — O pai de Neil pareceu insultado perante a ideia. — Eu teria feito alguma merda em relação a isso, não acha? E não acha que já lho teria comunicado, porra?!

Amanda esboçou um sorriso educado.

— Não — respondeu a mãe de Neil, embora num tom menos firme.

Depois de Amanda ter insistido com ela, a mulher revelou que, na verdade, se lembrava de uma coisa. Não lhe ocorrera dizer nada antes, ou mesmo quando Neil desaparecera, porque se tratava de algo tão estranho, tão disparatado — e, fosse como fosse, ela estava meio a dormir na altura, pelo que mal se recordava.

Amanda tornou a sorrir educadamente, contendo a vontade de arrancar a cabeça da mulher.

Dez minutos depois, encontrava-se no andar de cima, no gabinete do seu superior, o inspetor-chefe Colin Lyons. Não sabia se era do cansaço ou do nervosismo, mas estava constantemente a forçar-se a parar de abanar a perna.

Lyons exibia uma expressão grave. Acompanhara de perto a investigação e compreendia tão bem quanto Amanda a situação em que decerto se encontravam. Ainda assim, aquele último pormenor era algo que não lhe agradava nada ouvir.

— Isto não pode chegar aos ouvidos da comunicação social — advertiu Lyons, em voz baixa.

— Não, chefe.

— E a mãe? — Ele olhou repentinamente para Amanda, com um ar alarmado. — Pediu-lhe para ela não comentar nada disso em público? De todo?

— Sim, chefe.

Mas que merda! Claro que sim, chefe! Embora Amanda achasse que fora desnecessário. Uma parte da imprensa já revelava um tom crítico e acusatório em relação aos pais de Neil, e estes já sentiam culpa suficiente; não precisavam de ir à procura de mais.

— Ótimo — respondeu Lyons. — É que... santo Deus!

— Eu sei, chefe.

Ele recostou-se na cadeira e fechou os olhos por um breve momento, respirando fundo.

— Está familiarizada com o caso?

Amanda encolheu os olhos. Toda a gente estava familiarizada com o caso, o que não significava que o conhecessem, de facto.

— Não na sua totalidade — respondeu.

Lyons abriu os olhos e permaneceu sentado, fitando o teto.

— Nesse caso, vamos precisar de alguma ajuda — disse ele.

Amanda sentiu-se desanimar perante aquelas palavras. Por um lado, trabalhara até à exaustão durante os últimos dois dias e não lhe agradava nada ter de vir a partilhar o caso. Por outro lado, havia o fantasma que estava a ser reconhecido.

Frank Carter.

O Homem dos Sussurros.

Apaziguar o receio do público iria tornar-se bastante mais complicado a partir dali. Impossível até, se esse novo pormenor fosse divulgado. Teriam de ser extremamente cautelosos.

— Sim, chefe.

Lyons levantou o auscultador do telefone sobre a sua secretária.

Foi assim, enquanto o tempo de desaparecimento de Neil Spencer se aproximava a passos largos desse crucial período das 48 horas, que o inspetor Pete Willis se viu novamente envolvido na investigação.

«AO LONGO DOS ANOS, DISSE-TE INÚMERAS VEZES QUE NÃO DEVERIAS TER MEDO DE NADA. QUE OS MONSTROS NÃO EXISTIAM. DESCULPA TER-TE MENTIDO.»

Após a morte da mulher, Tom Kennedy muda-se com o seu filho, Jake, de 7 anos, para uma pacata povoação chamada Featherbank em busca de um recomeço de vida. Mas Featherbank tem um passado sombrio.

Há 20 anos, Frank Carter, um perverso assassino em série, raptou e assassinou cinco rapazes. Ficou conhecido como «o Homem dos Sussurros», pois atraía as suas vítimas à noite sussurrando-lhes da janela. Logo após o seu quinto homicídio, Frank acabou por ser detido.

Estando o assassino atrás de grades, Tom e Jake não deveriam ter motivos de preocupação. Só que agora um novo rapaz desapareceu, e as semelhanças entre este acontecimento e os crimes de há 20 anos são desconcertantes. É então que Jake começa a comportar-se de modo estranho...

Diz escutar sussurros vindos do lado de fora da janela do seu quarto...

«Um enredo fantástico, maravilhosamente bem escrito, com nuances de Thomas Harris e Stephen King, mas brilhante por mérito próprio.»

C. J. Tudor

autora bestseller internacional

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-65-9



9 789898 864659

Thriller